

PERCEPÇÕES DOCENTES COMPARTILHADAS: A TEMATIZAÇÃO DAS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Paulo Clepard Silva Januario,

Universidade São Judas Tadeu (USJT) / Prefeitura Municipal de Santo André (PMSA)

Diego Pinto Jabois,

Universidade São Judas Tadeu (USJT) / Prefeitura Municipal de Itanhaém (PMI)

Graciele Massoli Rodrigues,

Universidade São Judas Tadeu (USJT) / Escola Superior de Educação Física de Jundiaí (ESEF)

RESUMO

Este relato visa refletir e compartilhar percepções docentes sobre o processo de tematização das Lutas na Educação Física escolar. Tal experiência ocorreu em duas escolas públicas, abrangendo Ensino Infantil e Fundamental, com colaboração entre os docentes envolvidos, no intercâmbio de saberes e experiências prático-reflexivas. Dessa maneira observamos superação de desafios por intermédio da temática destacada, sobretudo amparados pelo planejamento participativo e diálogos necessários.

PALAVRAS-CHAVE: Percepções docentes; Educação Física escolar; lutas.

INTRODUÇÃO

Faz um tempo que as temáticas associadas às “lutas” vêm sendo discutidas e repensadas pelos docentes no espaço escolar para o fomento curricular nas aulas de Educação Física (EF). No entanto, mesmo com diversas experiências relatadas e uma quantidade considerável de artigos publicados sobre a temática, bem como a presença explícita desse “conteúdo” nos diversos documentos normativos para o componente curricular, ainda surgem questionamentos básicos e até mesmo iniciais acerca da proposta de tematização das “lutas” no espaço escolar, como: “*Esse tema não vai despertar a violência?*”. “*Os meninos não podem machucar as meninas por serem mais fortes?*” Não sou especialista no assunto, tenho medo de promover brigas”, dentre outros.

Contudo, frente aos apontamentos destacados, compartilhamos reflexões experienciais sobre a prática centrada na tematização das lutas em duas escolas públicas envolvendo o Ensino Infantil, Fundamental I e os anos finais do Ensino Fundamental II, amparados pelo

planejamento participativo e diálogos necessários, na tentativa, sobretudo, de desmistificar a impossibilidade de abordar essa temática bem como as relações curriculares sobrepostas de forma equivocada nesse espaço entre “lutas”, “brigas” e “violência”.

PERCURSOS EXPERIENCIAIS

Para Santos e Neira (2019) as aulas de EF numa perspectiva cultural deixam de ser compreendidas como um lugar exclusivo para que os estudantes se movimentem, dando lugar para tematizações como brincadeiras, danças, esportes, ginásticas e as lutas, visto que problematiza suas circunstâncias no âmbito social, como também os discursos inerentes a elas e quem as pratica. Dessa maneira, essas práticas corporais não se afastam do patrimônio cultural dos educandos, nem a intenção é submetê-las a níveis de habilidades motoras e aptidão física, mas sobretudo, o esforço está na promoção de uma educação democrática “[...] a partir do reconhecimento das vozes e das gestualidades subjugadas.” (SANTOS; NEIRA, 2019, p.2).

Com intenções de proporcionar um ambiente que favoreça o protagonismo dos estudantes em todo processo educativo, adotamos o planejamento participativo como possibilidade de construção da temática (FARIAS *et al*, 2019), como traço essencial de uma prática dialógica para que os estudantes opinassem e participassem ativamente das práticas corporais, que de maneira democrática construíram diferentes olhares para as lutas dentro e fora da escola. Quando docentes compartilham suas práticas pedagógicas:

[...] possuem comprometimento, intencionalidade, mostram uma perspectiva de mudança que rompe a inércia traçada por muitos anos pela Educação Física na escola e não se eximem de suas responsabilidades pedagógicas e apenas cedem aos interesses dos/as estudantes, apesar de terem como característica central a participação e o diálogo em seus planejamentos (FARIAS *et al*, 2019, p.21).

Longe de ideias formatadas como “receitas mágicas”, as primeiras percepções surgiram em 2018, quando em uma das escolas foi desenvolvido em consonância com Projeto Político Pedagógico (PPP) um projeto chamado “sessão simultânea de leitura”, que consistia em salas temáticas, onde os estudantes escolhiam livremente qual sessão iriam participar. Os docentes de EF elaboraram uma sala com uma temática ainda não desenvolvida nas aulas regulares: sessão dos “contos de samurai”. Percebemos um grande interesse dos/as estudantes,

do ensino infantil e fundamental, que participaram ativamente e permaneceram lembrando da experiência, o que desencadeou a tematização proposta em 2019.

Mesmo as lutas estarem presentes nos documentos norteadores da educação, destaca-se as reflexões de Harnisch *et al* (2018) sobre a prática pedagógica, em que reafirmam a relevância do tema nas aulas de EF, entretanto apontam para empecilhos relatados pelos docentes, como a relação das lutas com a violência, ausência e adequação de espaços e materiais.

Com isso estabelecemos diálogos com os docentes e gestão das duas escolas, como também com os responsáveis pelos/as estudantes, apresentando a proposta de tematização e firmando parcerias em todo processo educativo. Notamos que esse diálogo potencializou toda a experiência pedagógica.

Na primeira escola os/as estudantes foram desafiados a pesquisar junto com suas famílias, lutas de diversos lugares do mundo e trazerem informações para as discussões nas aulas. Os/as estudantes que já praticavam alguma luta trouxeram vivências em suas artes e compartilharam com os colegas. Essa troca de saberes despertou curiosidade em outros estudantes que ainda não tinha pesquisado sobre o tema e assim durante o percurso temático foram surgindo várias informações e reflexões, caminhando para o aprofundamento da temática.

Dentro dessas discussões os/as estudantes foram provocados a analisar junto com os docentes, se aquelas lutas trazidas poderiam ser transportadas para a prática corporal na escola, com os devidos materiais necessários e adaptações a fim de tornar essas práticas acessíveis a todos/as. Várias práticas corporais foram desenvolvidas inspiradas nas lutas estudadas, trazendo diversas experiências.

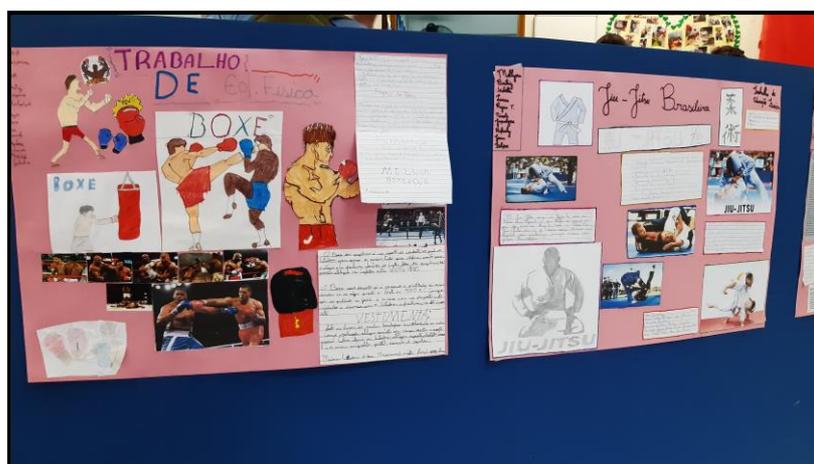
Mesmo com as conversas firmadas, o assunto sobre a violência presente nas lutas retornava com certa frequência e, com isso, o diálogo precisava ser constante para diferenciação entre luta e “briga” e a noção de que toda arte marcial é uma luta, porém nem toda luta é uma arte marcial. Esse retorno nos sentidos e significados foi necessário principalmente quando os exemplos trazidos para o debate eram baseados nas lutas mistas, amplamente transmitidas pelos canais esportivos que os/as estudantes tinham como referência.

Outro aspecto importante tratado com a comunidade escolar foi a questão da religiosidade, pois no início em reunião pedagógica docente essa questão apareceu e logo as pesquisas trazidas pelos/as estudantes tinham aspectos históricos das lutas, fundadas nas religiões espalhadas pelo mundo. Esse diálogo permitiu discutir a pluralidade cultural, as crenças e raízes das artes marciais, principalmente nas lutas indígenas e afro-brasileira. Para os docentes foi riquíssimo, pois de maneira dialógica favoreceu conhecimentos ora ainda não experienciados, ocasionando vários desafios na proposta.

Com o ensino infantil, toda linguagem lúdica favoreceu para que aproveitassem as vivências e a experimentação. As percepções de mundo das crianças eram trazidas para as rodas de conversas e assim emergiram os registros feitos por meio de desenhos, fotografias e vídeos. Já os/as estudantes do ensino fundamental I produziram cartazes com lutas diversas e apresentaram para o ensino infantil, sendo uma experiência de troca preciosa para todos/as.

A tematização durou quatro meses e foi encerrada com uma exposição de pesquisas, um festival de lutas no qual os convidados/as os/as estudantes que já praticavam alguma luta compartilham suas práticas e uma oficina de capoeira, que trouxe muitas repercussões positivas para estudantes/as e comunidade escolar.

Figura 1 – Exposição de pesquisas



Fonte: próprios autores/a

Na mesma direção dos pressupostos presentes no relato anterior à experiência aqui, de forma sucinta apresentada, têm os anos finais do ensino fundamental de uma escola pública o lócus da comunicação. Essa experiência teve como ponto de partida um conteúdo associado

às questões da cultura corporal de movimento identificada nas comunidades indígenas, pois na ocorrência em destaque para escolha curricular temática a proximidade escolar a uma região que registra, ainda, a presença indígena foi de grande relevância. Na sequência, dentre outras práticas corporais descobertas como as danças e ritos religiosos as “lutas” e seus significados no contexto dos povos originários ganharam pleno destaque. Foram evidenciadas manifestações e significados associadas as “lutas” dentro das tribos como “proteção” e “passagem” ganham importância até mesmo quando igualmente associadas aos “*Jogos Mundiais dos Povos Indígenas*”, que em resumo, se traduz num evento internacional envolvendo os “esportes indígenas” com atletas representantes dos povos indígenas de diversos países.

Diante disso, destacamos variações e ampliações das experiências vivenciadas dos “cabos de guerra” (individual, equipes e quatro cantos) bem como uma adaptação do *Huka – huka* que é uma arte marcial e um estilo de luta tradicional brasileiro dos povos indígenas do Xingu e dos índios *Bakairi*, todos do estado de Mato-Grosso. Nesses cenários os/as estudantes tiveram a oportunidade de literalmente “brincar” com a temática uma vez que todas as regras, fronteiras e adaptações foram amplamente discutidas e organizadas coletivamente.

Durante a experiência prática com a temática muitos foram os momentos de recondução e ajustes das atividades para melhor aproveitarmos o tempo e as condições das adaptações propostas no sentido de possibilitar a participação de todos/as. As “lutas” dentro da temática indígena surgiram de forma quase que “orgânica” quando nessa experiência em particular foi associada à centralidade da investigação.

Certamente as “lutas”, foram sendo, na esteira das vivências propostas, ressignificadas pelos/as estudantes, uma vez que o confronto e o jogo de oposição estiveram presentes e nenhuma ocorrência de briga e sobreposição de força física por parte dos meninos reforçando vantagem nas questões de gênero foram registradas no percurso de três semanas de EF. Parte dessa experiência foi registrada e fomentada no espaço de escuta narrativa ao término das vivências. Foram revelados cenários entusiasmados pelos estudantes que com suas descobertas eclipsaram os contornos da violência comumente associada à temática quando fraseada de forma superficial.



Figura 1 – Registro por intermédio de narrativas descritivas

Narrativa descritiva: Jogos dos Povos Indígenas / Educação Física



No mundo todo, as artes marciais são associadas à cultura oriental. No entanto desconhecida entre o grande público, uma das artes marciais autenticamente brasileiras de maior tradição é o Huka-huka. Este estilo de combate foi criado pelo povo indígena Bakairi e povos do Xingu, localizados no Estado do Mato Grosso. O Huka-huka é bastante praticado nessa região e representa uma das modalidades dos *Jogos dos Povos Indígenas*, competição esportiva criada no ano de 1996.

1- Descreva como foi sua experiência com a tematização das lutas indígenas nas aulas de Educação Física e o que podemos considerar a respeito do reconhecimento e da contribuição dessa cultura para nossa sociedade.

O Huka-huka me ajudou a ser muito legal e gostei muito de pegar um espigote de espigão, colocar no tórax, empunhar e apontar para cima e para os espigotes de espigão e com amigos e jogei.

Funcionou assim nos trabalhos que bloqueiam a passagem de espigão e tentar acertar um uma espigão, quem derribou os primeiros ganhou também o espigão. Já muito bem.

Os índios contribuíram muito no século de um brincar certinho e coisas que foram todos os dias como jogar bola, tênis e de jogos das crianças, brincando na língua, na português, espanhol, francês e pinacis, e muitas outras coisas que não pareciam no dia a dia.

Prof. Esp. Diego Jabois
Educação Física
CREF 057.443-G/DF

Prof. Diego P. Jabois

Fonte: próprios autores/a

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

São diversas as percepções que nos afeta ao tematizar “lutas” nas aulas de EF. Certamente ultrapassamos os limites institucionais convencionais e convidamos os/as estudantes a conhecer a amplitude desse universo, para além dos significados midiáticos, valorizando as “lutas” como prática inerente e indissociável da cultura corporal de movimento e favorecendo assim, apropriações críticas, tendo os/as estudantes como coparticipantes da escolha de todo o itinerário percorrido.

Essa participação fica evidenciada em vários momentos nas duas escolas de atuação, inclusive em ações colaborativas entre os/as próprios/as estudantes que foram instigados a descobrir novos significados e romper paradigmas cristalizados no que tange a tematização das “lutas” no espaço escolar.

Diante disso, e no compartilhar de nossas percepções envolvendo o ato pedagógico centrado na tematização das “lutas” na escola, reconhecemos que muito ainda precisa ser feito





na direção do fomento reflexivo, desmitificador e igualitário dos elementos da cultura corporal presentes na sociedade de direito que “luta”, inclusive, pela qualidade e permanência dos bancos escolares públicos.

SHARED TEACHERS' PERCEPTIONS: THE THEMATIZATION OF STRUGGLES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

ABSTRACT

This report aims to reflect and share teachers' perceptions in the process of thematization of “Struggles” in Physical Education at school. This experience took place in two public schools, including Kindergarten and Elementary School, with collaboration and articulation between the teachers involved, in the exchange of knowledge and practical-reflective experiences. In this way, we observed the overcoming of challenges through the highlighted theme, above all, supported by participatory planning and necessary dialogues.

KEYWORDS: Teachers' perceptions; School Physical Education; Fights.

PERCEPCIONES COMPARTIDAS DE LOS PROFESORES: LA TEMATIZACIÓN DE LAS LUCHA EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA.

RESUMEN

Este informe tiene como objetivo reflejar y compartir las percepciones de los docentes en el proceso de tematización de las “Luchas” en Educación Física en la escuela. Esta experiencia se llevó a cabo en dos escuelas públicas, entre ellas Kindergarten y Primaria, con colaboración y articulación entre los docentes involucrados, en el intercambio de conocimientos y experiencias práctico-reflexivas. De esta manera, observamos la superación de desafíos a través del tema destacado, sobre todo, apoyado en la planificación participativa y los diálogos necesarios.

PALABRAS CLAVES: Percepciones de los profesores; Educación Física Escolar; peleas.





CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

REFERÊNCIAS

FARIAS, U. S. *et al.* Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 31, n. 58, p. 01-24, abril/julho, 2019.

HARNISCH, G. S. *et al.* As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 179-184, jan./jun. 2018.

SANTOS, I. L., NEIRA, M. G. Tematização e problematização: pressupostos freirianos no currículo cultural da educação física. **Pro-Posições**, Campinas, SP, V. 30, 2019.

